

A formação dos médicos portugueses no estrangeiro (1800-1870): a emergência de uma influência francófona. O artigo apresentado consiste numa investigação efectuada no âmbito da História da Medicina portuguesa, sobre a formação dos médicos portugueses no estrangeiro entre 1800 e 1870. Neste período, desenvolveu-se um processo de modernização da profissão médica em Portugal, que contribuiu para o estatuto de contemporaneidade europeia da medicina portuguesa no último quartel do século XIX. Ao mesmo tempo, assistiu-se a uma dinâmica de certificação de médicos portugueses em universidades europeias, muito nítida nas décadas de 1830, 1840 e 1850. Esta dinâmica foi escrutinada com base numa pesquisa bibliográfica exaustiva que permitiu estudar o percurso de mais de uma centena de médicos portugueses, maioritariamente diplomados em França e na Bélgica.

PALAVRAS-CHAVE: século XIX, história da medicina portuguesa, formação no estrangeiro, ensino médico.

The training of Portuguese doctors abroad (1800-1870): the emergence of a francophone influence. The presented paper consists of a research made within the scope of the History of Portuguese Medicine, about the training of Portuguese doctors abroad between 1800 and 1870. In this period, a continuous process of modernization of the Portuguese medical profession contributed to the European contemporary status of Portuguese medicine in the last quarter of the 19th century. At the same time, there was a dynamic of certification of Portuguese doctors in European universities, very clear in the decades of 1830, 1840, and 1850. This dynamic was scrutinized on the basis of an exhaustive bibliographical research that allowed to study more than a hundred Portuguese physicians, mostly graduated in France and Belgium.

KEYWORDS: nineteenth century, history of Portuguese medicine, formation abroad, medical education.

JOAQUIM MELON SIMÕES

A formação dos médicos portugueses no estrangeiro (1800-1870): a emergência de uma influência francófona

A MEDICINA CIENTÍFICA E SOCIAL
DA EUROPA OITOCENTISTA

No campo da ciência médica, o século XIX é um período de ruptura com o passado, uma época de transformação e de consagração da observação clínica e do trabalho de laboratório, uma mudança de paradigma operada no continente europeu (Ackerknecht, 2016). Os pioneiros da ciência médica oitocentista rejeitam a abordagem ontológica do passado que se preocupava com teorias do foro especulativo sobre as entidades das doenças e praticam uma medicina de hospital e de laboratório em oposição à medicina de biblioteca da Idade Média. Estes dinamizadores da ciência médica fazem parte de comunidades de investigação que procuram inovar e que dispõem, em maior ou menor escala, de apoio institucional (Snowden, 2020). A medicina europeia torna-se, também, uma medicina social que valoriza a relação médico-paciente, passando do privado para o colectivo, em contraste com o carácter individualista da medicina medieval (Foucault, 1999, p. 365). No entender de Michel Foucault, é nesse contexto que se consubstancia o controlo da sociedade sobre os indivíduos. Para o autor francês, desenvolvem-se no século XIX três formas de medicina social bastante próprias: uma medicina de Estado, característica dos Estados alemães; uma medicina urbana francesa; e uma medicina da força de trabalho, preconizada pelos governos britânicos depois da aprovação do *Public Health Act* de 1875. A abordagem socializadora alemã sistematiza estatísticas e registos médicos hospitalares ao serviço do Estado; a corrente francesa desenvolve o conceito de salubridade e aplica-o com rigor na supervisão das cidades; enquanto na Grã-Bretanha se implementam medidas de controlo médico da população através de um regime de vigilância que Foucault considera autoritário e precursor das políticas de saúde pública que mais tarde singram na civilização capitalista moderna.

No entanto, a evolução da ciência médica no plano técnico não é suficiente para anular o impacto das epidemias e endemias graves que martirizam as populações (Snowden, 2020). Até ao advento da microbiologia, a medicina oitocentista revela-se impotente perante os surtos violentos de cólera e de febre-amarela que, desde 1830, assolam o planeta. E não consegue descortinar soluções eficazes contra doenças impregnadas na sociedade como a tuberculose, a difteria ou a escarlatina (Rosen, 2015). Até à década de 1880, a medicina oitocentista evolui no plano científico e social, mas continua a ser uma ciência limitada. As suas limitações são tangíveis na indecisão e na ineficácia com que os vários Estados europeus e mundiais lidam com os grandes fenómenos epidémicos (Snowden, 2020). Ao longo do século XIX, assiste-se a uma sucessão de debates inconclusivos na comunidade científica, à discussão constante entre os defensores da teoria do contágio e os defensores da teoria dos miasmas, uma querela ideológica entre os apoiantes das quarentenas e os partidários das acções de saneamento e desinfecção localizada (Rosen, 2015, pp. 164-165). Nas duas últimas décadas do século XIX, a revolução bacteriológica torna este debate obsoleto e atenua os limites da ciência médica. Num espaço curto de tempo, entre 1880 e 1898, descobrem-se as vacinas para o tifo, a malária, a tuberculose, a cólera, a difteria, o tétano e a peste.

Os centros de ensino de França e da Alemanha foram determinantes para a evolução da medicina oitocentista e para estes progressos notáveis (Snowden, 2020). Na primeira metade do século XIX, é a Escola de Paris que se destaca no campo da observação clínica e do tratamento de pacientes, que é desenvolvido, sobretudo, nos principais hospitais de Paris, o Hôtel-Dieu, o Charité e o Pitié. A investigação médica é conduzida por um conjunto de professores franceses, de Bichat a Laennec, que usam estes hospitais públicos da metrópole para as suas pesquisas inovadoras (Porter, 1995). Outros pólos formativos desenvolvem-se, então, na Europa, imbuídos de um espírito científico liberto das teorias e dos sistemas obscurantistas dos séculos anteriores. Londres e Viena ganham reputação nas áreas da hematologia e da anatomia patológica, mas é nas universidades alemãs que se vão estabelecer dinâmicas novas no trabalho de laboratório. Em meados do século, a Escola de Paris perde alguma influência, por ausência de uma terapêutica mais objectiva e sofisticada que vai ser aperfeiçoada nos centros de investigação alemães (Snowden, 2020, p. 245). As universidades de Giessen e de Berlim sobressaem neste cenário, com Johannes Muller e Rudolf Virchow como protagonistas de uma medicina germânica emergente (Porter, 1995). É neste contexto de evolução técnica do conhecimento, num tempo de ruptura com épocas anteriores e de afirmação franco-alemã no universo europeu, que a ciência médica portuguesa floresce ao longo do século XIX.

O CAMINHO PARA A SEGUNDA RENASCENÇA

Segundo o historiador Luís de Pina, a medicina portuguesa oitocentista pode ser dividida em dois períodos: uma fase de progresso na primeira metade de 1800, marcada pelo advento das escolas médicas de Lisboa e do Porto; e um período de consagração na sociedade e no mundo durante as décadas seguintes, “um segundo renascimento da medicina nacional” (Pina, 1968, p. 7). Esta visão de um percurso de ascensão social e técnica é partilhada por historiadores da geração de Luís de Pina e de gerações posteriores. É no decurso do século XIX que a medicina portuguesa se torna contemporânea das suas congéneres europeias, e na transição para o século seguinte evidencia uma modernidade própria e uma actividade científica de vanguarda (Mira, 1948, p. 516). Luís de Pina (1968, p. 4) fala de um segundo renascimento, depois da época áurea da medicina portuguesa no século XVI, marcada pela erudição e pelo humanismo de autores como Amato Lusitano, Garcia de Orta ou Francisco Sanches.

No último quartel do século XIX e na primeira década do século XX, a medicina portuguesa revela uma grande vitalidade e originalidade na vertente clínica e no debate científico, veiculada através das sessões realizadas na Sociedade das Ciências Médicas, ultrapassando a mera condição de seguidora ou imitadora da medicina europeia mais progressista (Mira, 1948). Neste período, a ciência laboratorial ganha um impulso decisivo em Portugal, com a criação do Instituto Bacteriológico de Lisboa, criado por Miguel Bombarda e gerido por Câmara Pestana, o maior bacteriologista português de finais de Oitocentos, um cientista de vanguarda europeia e mundial (Marques, 2020). Na sequência de um amplo debate sobre a introdução da medicina experimental em Portugal durante a década de 1880, depois da aplicação bem-sucedida da terapêutica da vacina anti-rábica por Pasteur, o Instituto Bacteriológico é fundado na capital, em 1892. No campo da saúde pública, destaca-se a figura de Ricardo Jorge, autor de uma reforma sanitária incisiva que vai corrigir erros legislativos anteriores e modernizar a polícia médica (Ferreira, 2015, p. 871). Além da consagração técnica da medicina portuguesa, assiste-se também ao reconhecimento do estatuto e do prestígio da classe médica na sociedade, com uma capacidade cada vez maior de intervenção no espaço público (Garnel, 2003; Gama, 2019).

Podem precisar-se dois períodos concretos na evolução da medicina portuguesa desde a reforma pombalina até à primeira década do século XX: 1) uma fase entre 1772 e 1836, na qual se expurgam os vícios da escolástica do antigo regime no ensino médico (Crespo, 1990); 2) a fase posterior a 1870, com o assumir de um percurso próprio (Vieira, 2015). Na óptica do

historiador Ismael Vieira (2015), Portugal era, essencialmente, “um recetor dos trabalhos, modelos e métodos até pelos menos a década de 1870” (Vieira, 2015, p. 67). Considerando vários testemunhos da época, é plausível afirmar que no intervalo entre 1836 e 1870 a classe médica portuguesa passou de mera imitadora do conhecimento científico europeu para a condição de uma receptora assertiva, contemporânea, actualizada, deste mesmo saber (Alves, 2014, p. 178). Pelo testemunho do eminente médico da altura, May Figueira, este estatuto de contemporaneidade seria já bastante perceptível em 1870 (Garnel, 2013, p. 97).

Para esta evolução ascensional foi determinante a acção dos três grandes pólos formativos do país: as escolas médicas de Lisboa e do Porto e a Universidade de Coimbra (Ferreira, 2015).¹ As escolas régias de Lisboa e do Porto foram fundadas em 1825 e elevadas ao estatuto de institutos médico-cirúrgicos no ano de 1836. A sua criação foi determinante no progresso da medicina portuguesa oitocentista (Lemos, 1991). Na capital, conjugava-se o ensino da teoria com o ensino prático com aulas de anatomia leccionadas por docentes-demonstradores, especializados em anatomia e obstetrícia (Garnel, 2013). No Porto, a instituição distinguia-se pela instrução sólida nos campos da anatomia e da cirurgia, sendo de salientar o papel de Vicente José Carvalho e de Bernardino de Almeida, doutrinadores de uma técnica cirúrgica assente na destreza manual e na sólida cultura médica (Alves, 2014, p. 178). O principal objectivo das escolas era formar facultativos para a assistência sanitária nos hospitais das metrópoles onde estavam sediadas (Pita, 2021, p. 372). Ao longo do século XIX, as duas escolas foram aumentando, gradualmente, a sua influência e a sua capacidade de intervenção nas cidades, no ensino técnico e na assistência à sociedade (Amaral, 2021, p. 388). Ambas dispunham de infra-estruturas para formação e certificação de farmacêuticos, parteiras e dentistas. Até à década de 1870, os estudos ministrados pela Universidade de Coimbra eram, na sua essência, teóricos (Fiolhais, 2014). A situação melhorou com as reformas de António Costa Simões, que implementou as mudanças necessárias para modernizar as suas infra-estruturas e a sua vertente prática. No campo da produção científica da universidade, durante o período de 1836 a 1863 destacam-se os trabalhos inovadores dos docentes Francisco António Alves e Jerónimo José de Melo nos campos da anatomia patológica e da fisiologia experimental (Pita, 2021, p. 379). Estes três grandes pólos formativos deram um contributo inequívoco para a evolução da medicina portuguesa, certificando profissionais que enriqueceram os quadros médicos nas mais

1 Além destes centros de ensino médico, existiram, também, durante o século XIX, as escolas médico-cirúrgicas de Goa e do Funchal, que deram também um contributo para esta evolução.

diversas áreas da prática médica. Dentro deste contexto, no último quartel do século XIX, os diplomados pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa ganharam maior peso e protagonismo nas principais instituições especializadas do país em relação aos centros de ensino de Coimbra e do Porto (Gama, 2019).

Os progressos da medicina portuguesa acabaram por ser, também, uma consequência das políticas dos primeiros governos liberais, de investimento na educação e em infra-estruturas formativas (Serrão e Marques, 2002). Na legislatura setembrista de Passos Manuel, as anteriores Escolas Régias de Cirurgia de Lisboa e do Porto são elevadas à categoria de Escolas Médico-Cirúrgicas, entidades “destinadas especialmente a formar uma classe de Facultativos tão necessária”.² Até 1876, são aprovadas diversas medidas que fortalecem as instituições portuguesas de formação médica, regulamentando as suas orgânicas, reforçando e actualizando a componente curricular dos cursos técnicos. Em 1840, estabelecem-se os regimentos das escolas de Lisboa e do Porto e determina-se o funcionamento dos vários gabinetes de especialização técnica, das casas das disseções, dos laboratórios farmacêuticos, e das bibliotecas.³ No mesmo ano, fazem-se alguns ajustes no programa curricular da Universidade de Coimbra, nas áreas de obstetrícia e de medicina legal.⁴ Nas décadas de 1860 e 1870, os planos de estudo dos três centros de ensino médico de Lisboa, Porto e Coimbra passam a englobar novas disciplinas, num esforço claro de ir acompanhando os modelos de ensino internacionais.⁵

Existe produção historiográfica importante sobre a importância dos centros de ensino de Lisboa, Porto e Coimbra na evolução da medicina portuguesa oitocentista e sobre o contributo dos seus formandos para a melhoria dos serviços de saúde durante o século XIX.⁶ Contudo, no contexto desta temática sobressai uma ausência de estudos sobre a formação de médicos portugueses no estrangeiro e qual o real contributo destes para a medicina e para a sociedade. Sabe-se que o eminente regente da Escola de Cirurgia do Hospital de São José, Manuel Constâncio, encorajou a ida dos seus melhores discípulos para as mais distintas universidades da Grã-Bretanha para enriquecerem os seus conhecimentos, no último quartel do século XVIII (Alves, 2014, p. 147). Sabe-se que alguns dos mais relevantes médicos portugueses, como May Figueira, eram detentores de uma dupla certificação, em Portugal e no

2 Preâmbulo do decreto-lei de 29-12-1836, relativo às Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto.

3 Decreto-Lei de 23-04-1840, com o regulamento das Escolas Médico-Cirúrgicas.

4 Portaria de 24-10-1840, sobre o ensino da medicina na Universidade de Coimbra.

5 Leis de 26-10-1863 e 10-04-1876, sobre programas curriculares nas escolas médicas.

6 Além das obras referenciadas neste texto, destacam-se os trabalhos de Augusto da Silva Carvalho (1926), Hernâni Monteiro (1951) e Luísa Vilarinho Pereira (2018).

estrangeiro (Fiolhais, 2014, p. 124). Ciente desta questão, desenvolvi uma investigação com o objectivo de fazer um levantamento dos profissionais médicos formados no estrangeiro entre 1800 e 1870; ou seja, durante a fase em que a medicina portuguesa ascendeu e evoluiu ao ponto de conseguir chegar a um estágio de contemporaneidade europeia. Esta pesquisa teve como ponto de partida a preocupação em identificar da melhor forma possível o grupo socioprofissional de médicos formados em universidades estrangeiras no período citado. Feita esta identificação, procedeu-se a um estudo quantitativo e qualitativo do grupo, atendendo a várias variáveis essenciais a uma caracterização prosopográfica. Através desta metodologia, procurou aferir-se do contributo do grupo socioprofissional em análise para a evolução do país na dimensão técnico-científica e na dimensão social.

A METODOLOGIA

A investigação efectuada dividiu-se em duas fases. Num primeiro momento, centrou-se numa pesquisa exaustiva da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*,⁷ do *Dicionário Histórico Corográfico*⁸ e do *Dicionário Biográfico Parlamentar*.⁹ Foi deste modo que se determinou uma amostra inicial de 63 médicos formados no estrangeiro, com dados biográficos concretos, extraídos, sobretudo, da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Esta obra revelou-se o principal manancial de informação do estudo apresentado. A obtenção destes dados biográficos permitiu trabalhar dados relativos a uma análise socioprofissional de conjunto, aferindo as variáveis de nascimento, morte, naturalidade, formação, ano de certificação universitária, carreira profissional, produção científica e interesses extra-medicina.

A partir da amostra de 63 médicos, estabeleceu-se o grupo das principais universidades europeias onde os estudantes portugueses se diplomaram – Paris, Bruxelas, Lovaina, Montpellier e Edimburgo. Depois, desenvolveu-se uma pesquisa complementar no sentido de tentar identificar mais facultativos certificados nestas instituições. Foram encontradas na Internet listas dos médicos e dos estudantes que frequentaram as universidades de Paris e de Edimburgo entre 1800 e 1870. Os serviços arquivísticos de Lovaina e de

7 *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1936-1957), 40 volumes, Lisboa e Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Lda.

8 *Dicionário Histórico, Chorográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico* (1904-1915), 7 volumes, Lisboa, João Romano Torres.

9 M.F. Mónica (dir.) (2004-2006), *Dicionário Biográfico Parlamentar (1834-1910)*, Lisboa, Assembleia da República e Imprensa de Ciências Sociais.

Bruxelas possibilitaram a consulta de anuários e bases de dados que foram muito úteis para a investigação neste mesmo período.¹⁰ O estudo complementar levou à constituição definitiva de um conjunto de 110 médicos portugueses formados no estrangeiro, entre 1800 e 1870, cuja análise detalhada é apresentada a seguir.

OS MÉDICOS PORTUGUESES FORMADOS NO ESTRANGEIRO ENTRE 1800 E 1870

A referida pesquisa exaustiva levou à constituição de uma amostra de 110 médicos formados no estrangeiro entre 1800 e 1870. Numa primeira abordagem a este resultado, sobressaem dois factos particulares, perceptíveis no quadro 1: 1) quase metade dos médicos formaram-se na Universidade de Paris; 2) a grande maioria dos profissionais diplomaram-se em centros universitários francófonos. No quadro 2 explicita-se este segundo facto e verifica-se que 91% dos facultativos tiraram o curso em França ou na Bélgica. Os restantes certificaram-se em Espanha, Escócia, Estados Italianos e Alemães.

No quadro 3 apresenta-se a década em que os médicos obtiveram as suas certificações. Nas primeiras três décadas, apenas se diplomaram nove médicos, o que pode ser explicável em certa medida pela instabilidade política provocada pelas guerras napoleónicas que afectaram a Europa até 1815 (Mattoso, 1993). Muito significativa é a evidência demonstrada pela formação de estudantes portugueses no estrangeiro para as três décadas seguintes. Efectivamente, entre 1830 e 1857 certificaram-se 87 médicos; ou seja, 79% daqueles em que se conseguiu determinar a data de formação. Este fenómeno pode ser justificado, de algum modo, pela instabilidade política que Portugal viveu de 1828 até às vésperas da Regeneração (Serrão e Marques, 2002). No período analisado, foi possível descortinar a idade exacta de obtenção do diploma para 73 profissionais, pelo que se conseguiu calcular a média desta variável, como se expõe no quadro 4.

Considerando a variável da naturalidade, aferiu-se a origem de 102 médicos. Considerando esta amostra, constata-se pelo quadro 5 que 42% dos médicos são provenientes dos distritos de Lisboa e do Porto. No período analisado, formaram-se no estrangeiro naturais de 13 distritos do continente, de ambos os arquipélagos, de colónias e ex-colónias. Não há registo de médicos naturais de Aveiro, Guarda, Leiria ou Viana do Castelo.

10 Infelizmente, a página da Universidade de Montpellier dedicada a esta questão estava temporariamente inoperacional.

QUADRO 1

A formação dos médicos portugueses no estrangeiro por universidade (1800-1870)

Universidade	Médicos formados
Paris (França)	54 - António José Lima (1814), Félix Gama (1817), António José de Lima Leitão (1810s), José Romão Rodrigues Nilo (1821), Emanuel José Vilela (1822), João Fernandes Tavares (1823), Francisco António Barral (1826), Nuno Augusto Gavrelle (1827), Simão José Fernandes (1830), Adolfo Manuel Vitorino da Costa (1830s), João Januário Vieira de Resende (1831), José Feliciano Castilho (1831), Luciano Pereira Lopes (1831), António da Costa Paiva (1831), Bernardino António Gomes (1831), António da Luz Pitta (1831), Francisco de Assis Vaz (1832), José Jacinto Alencastre (1832), Procoro José Gouveia (1833), António Joaquim Campos (1833), Guilherme Centazzi (1834), Alexandre Augusto de Oliveira Soares (1834), Adolfo Manuel Vitorino da Costa (1830s), António Fonseca Benevides (1830s), André António de Avelino (1836), Ezequiel António Dinis (1836), Joaquim Albino Geraldês (1836), Francisco Ferreira da Cruz (1837), José Joaquim de Morais Sarmento (1837), José Joaquim Pereira Reimão (1837), Antero Silveira Pinto (1837), Manuel Rodrigues de Bastos (1838), Guilherme Júlio Teixeira de Moura (1838), José Pereira (1838), José Joaquim Barbosa (1839), José Pereira Botelho (1840), António Joaquim Potes dos Campos (1840), João José Simas (1841), Miguel Macedo Brito (1842), Joaquim Ramalho de Macedo Ortigão (1844), João José da Silva (?), Bernardo Teixeira da Cruz (1844), José Vaz Monteiro (1845), Estevão Afonso (1846), Faustino Jerónimo Sousa Gomes (1847), Tomás de Carvalho (1847), António Alves da Silva (1848), Juvenal Honório de Ornelas (1850), Fiel António de Moura (1850), Marcelino Craveiro da Silva (1852), Isidoro Emílio Baptista (1853), António Evaristo de Ornelas (1854), Abel Jordão (1857), Pedro Castelo Branco (1860), José Pereira Mendes (1861), José Carlos Lopes (1864).
Bruxelas (Bélgica)	24 - José Cândido Loureiro (1843), Francisco Emiliano Parreira (1845), Tomás de Bettencourt (1845), Francisco Augusto Ferreira (1847), José Germano Guedes (1847), António Ferreira da Fonseca (1848), Pedro Francisco da Costa Alvarenga (1849), José Barbosa Leão (1850), Vicente José Ferreira (1851), Francisco Frederico Hoppfer (1852), Miguel Augusto de Andrade (1853), Ricardo Costa Gomes (1854), Carlos May Figueira (1855), Joaquim Eleutério Gomes (1855), João Clemente Mendes (1855), José Rodrigues Amado (1855), Casimiro Simão da Cunha (1855), José António Marques (1857), Faustino José Cabral (1857), Lúcio Augusto da Silva (1857), Carlos Augusto Guimarães (1860), João Quintino de Avelar (1861), António Simões de Faria (1864), Inácio Rodrigues da Costa Duarte (1865).
Lovaina (Bélgica)	15 - António Carlos de Melo e Silva (?), Miguel António Dias (1833), Joaquim Pedro Eduardo Correia (1837), José Maria Grande (1838), Mateus Cesário Rodrigues Moacho (1839), Rodrigo Zagalo Nogueira (1840), Agostinho José Ramos de Carvalho (1841), António Xavier Bocage (1841), Ricardo Raimundo de Nogueira Sasseti (1842), Francisco Castelo Branco (1844), José Augusto Gomes (1847), José Augusto Nogueira Sampaio (1850), José Pimentel da Silveira (1852), António Evaristo de Ornelas (1852), Francisco Joaquim Aires de Soveral (1854).
Montpellier (França)	7 - António Joaquim de Figueiredo (1820s), Francisco Martins Pulido (1840s), Pedro Júlio Vieira (1852), Cândido Joaquim da Silva (?), César Augusto Mourão Pitta (1856), Antero Drummond de Meneses (1856), Joaquim Gonçalves Pires (1862).
Edimburgo (Escócia)	3 - Nicolau Caetano de Bettencourt Pitta (1812), Luís Henriques (1810s-1820s), José Frutuoso Aires de Gouveia Osório (1853).
Pisa (Estados Italianos)	2 - António Fonseca Benevides (1830s), Luís José Baldy (1840s).
Giessen (Estados Alemães)	1 - José Henriques de Proença (?).

Universidade	Médicos formados
Cádiz (Espanha)	1 - Domingos Garcia Peres (1830s).
Sevilha (Espanha)	1 - Francisco José Nobre de Carvalho (1830s).
Rio de Janeiro (Brasil)	1 - Teotônio Flávio da Silveira (?).
Salamanca (Espanha)	1 - João Pires da Mota Pacheco (1830s).
Total	110

QUADRO 2

A formação dos médicos portugueses no estrangeiro por país ou Estado (1800-1870)

País ou Estado	Médicos formados
França	61 (56%)
Bélgica	39 (35,4%)
Escócia	3 (2,7%)
Espanha	3 (2,7%)
Estados Italianos	2 (1,8%)
Estados Alemães	1 (0,9%)
Brasil	1 (0,9%)

QUADRO 3

Cronologia da formação dos médicos portugueses no estrangeiro (1800-1870)

Décadas	Médicos portugueses certificados
1800	0
1810	4
1820	6
1830	35
1840	26
1850	26
1860	7
Não se sabe a década	6

QUADRO 4

Idade média da formação dos médicos portugueses no estrangeiro (1800-1870)

Idade média	28,1
-------------	------

QUADRO 5

A naturalidade dos médicos portugueses formados no estrangeiro (1800-1870)

Naturalidade	Médicos
Distrito de Lisboa	28 (27,4%)
Distrito do Porto	15 (14,7%)
Arquipélago da Madeira	11 (10,8%)
Colónias, ex-colónias, estrangeiro	6 (5,4%)
Arquipélago dos Açores	6 (5,4%)
Distrito de Santarém	4 (3,9%)
Distrito de Beja	3 (2,7%)
Distrito de Braga	3 (2,7%)
Distrito de Coimbra	3 (2,7%)
Distrito de Portalegre	3 (2,7%)
Distrito de Évora	3 (2,7%)
Distrito de Bragança	2 (1,8%)
Distrito de Vila Real	2 (1,8%)
Distrito de Castelo Branco	1 (0,9%)
Distrito de Setúbal	1 (0,9%)
Distrito de Viseu	1 (0,9%)

1830-1857: UM PERÍODO DE DUPLAS QUALIFICAÇÕES E CONVERGÊNCIAS GERACIONAIS

Dos 110 médicos identificados, 79% tiraram o curso entre 1830 e 1857, o que torna este período muito significativo. Uma das características desta fase é a percentagem de médicos com dupla qualificação, certificados em Portugal e no estrangeiro. No quadro 6 podemos ver como este fenómeno se expressou ao longo das décadas analisadas.

Entre 1830 e 1857, a esmagadora maioria dos 25 facultativos com estas características formativas viveram um percurso educativo em que se diplomaram primeiro em Portugal e obtiveram, posteriormente, o curso no estrangeiro ou efectuaram o trajecto inverso; licenciaram-se noutra país e depois obtiveram a equivalência numa das três escolas técnicas portuguesas. Há também a situação excepcional de António da Luz Pitta, que se certificou em duas escolas estrangeiras: em Montpellier, no ano de 1830, e em Paris no ano seguinte. Considerando este fenómeno da dupla qualificação, construiu-se um quadro que detalha os estudos destes 25 médicos.

QUADRO 6

O fenómeno da dupla qualificação na formação dos médicos portugueses no estrangeiro (1800-1870)

Décadas	Médicos duplamente qualificados
1800	0
1810	0
1820	0
1830	6
1840	5
1850	12
1860	2

QUADRO 7

A dupla qualificação dos médicos portugueses formados no estrangeiro (1800-1870)

Centros de formação	Médicos duplamente qualificados
Universidade de Coimbra + universidade estrangeira	6 - Paris (4), Bruxelas (1), Lovaina (1)
Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa + universidade estrangeira	17 - Bruxelas (6), Lovaina (4), Paris (2), Pisa (2), Montpellier (1), Cádiz (1), Salamanca (1)
Escola Médico-cirúrgica do Porto + universidade estrangeira	2 - Paris (1), Bruxelas (1)
Duas universidades estrangeiras	1 - Paris e Montpellier

Em Paris, alguns médicos demoraram entre três e cinco anos a tirar o curso, como aconteceu com Juvenal Ornelas e Ezequiel Dinis. Outros alunos, graças a diversas equivalências decorrentes do diploma português e à sua proficiência individual obtiveram o grau de doutor no espaço de um ano. Tal aconteceu a Marcelino Craveiro da Silva e a Guilherme Júlio de Moura, que viriam a ser destacados operacionais de saúde pública em Portugal (*Nobreza de Portugal e do Brasil*, 1989). Nalguns casos, estas equivalências foram consequência de um percurso formativo já feito no estrangeiro, como aconteceu com Miguel Macedo Brito, estudante em Nantes e bacharel em Rennes. Dos médicos diplomados em universidades europeias nesta fase, vários certificaram-se com brilhantismo. Na faculdade de Lovaina, os médicos Ricardo Sassetti, Ramos de Carvalho e Nogueira Sampaio tiraram o curso de modo exemplar, com a denominada *la plus grande distinction*. Nogueira Sampaio foi mesmo aclamado no final da sessão de defesa de tese (*Annuaire Louvain*, 1849).

Apesar deste intervalo de tempo assinalado corresponder à duração média de uma geração, o período de 1830 a 1857 revelou-se, sobretudo, uma época de convergências geracionais (Manheim, 1972). Formaram-se, neste período, médicos nascidos de 1793 a 1837,¹¹ englobando assim portugueses originários da década de 1790 e outros da década de 1830. Estes dados ultrapassam os conceitos mais amplos de geração propostos por Heródoto e problematizados por Huizinga; ou seja, de que um grupo geracional pode ter a amplitude de um terço de século (Spitzer, 1973). Além destas duas características distintivas da dupla qualificação e da convergência geracional, a formação neste período de 1830 a 1857 reforça a conclusão mais evidente do estudo apresentado: a emergência de uma influência francófona.

AS MELHORES UNIVERSIDADES DA EUROPA

De um modo geral, os médicos portugueses certificaram-se em algumas das melhores universidades estrangeiras da época, não só as belgas e francesas, mas também o prestigiado pólo educativo de Edimburgo, na Escócia. A grande maioria dos estudantes vindos de Portugal acabaram por se formar nas faculdades da Europa francófona. De todas elas, a mais consagrada era a Universidade de Paris, inequivocamente o grande centro de aprendizagem médica da primeira metade do século XIX, idealizado por Pierre Cabanis e Philippe Pinel (Ackerknecht, 2016, pp. 116-117). No início dessa centúria, afirmava-se o método da observação clínica como componente fulcral da mais moderna prática médica. Para o conceituado historiador da medicina Erwin Ackerknecht (2016, pp. 115-116), este método divergia em três pontos essenciais dos postulados de Hipócrates: 1) era uma observação em grande escala, o que permitia estudar centenas ou milhares de casos num só ano, 2) a metodologia implementada em princípios de 1800 era proactiva e consistia numa examinação dinâmica dos pacientes, 3) o estudo dos sintomas era sempre considerado no contexto das lesões encontradas na mesa da autópsia.

Na transição do século XVIII para o século XIX, graças aos trabalhos de percussores como Bichat e, sobretudo, Broussais, o espaço hospitalar tornou-se no lugar privilegiado para o olhar médico (Foucault, 1963, pp. 222-223). É nos estabelecimentos sanitários de Paris, nos seus hospitais principais, que se dá a revolução médica que vai consagrar o método anátomo-clínico. É nestes locais que se vai sediar a Faculdade de Medicina de Paris, cujo ensino consiste na combinação da examinação física e da autópsia (Ackerknecht, 2016).

11 Simão Fernandes nasceu em 1793 e concluiu o curso em 1830. César Mourão Pitta nasceu em 1837 e finalizou o doutoramento em Paris aos 19 anos de idade.

De 1820 a 1860, a faculdade médica de Paris tinha à disposição para a materialização da sua formação 13 hospitais gerais, 11 hospitais de especialidade e 12 hospícios (Bloch, 1982, p. 106). O desenvolvimento das especialidades era uma característica fundamental da Escola Clínica de Paris, tendo sido no seio da universidade francesa que se aperfeiçoou o campo da anatomia patológica e onde nasceram as disciplinas da psiquiatria, da dermatologia e da geriatria (Ackerknecht, 2016, pp. 121-122).

Na Faculdade de Paris, a formação era ministrada através de duas modalidades complementares: o ensino de cátedra, enciclopédico, rígido; e o ensino livre, dado por professores de medicina fora do espaço convencional da universidade (Huard, 1974). Xavier Bichat foi o precursor deste método de ensino, utilizado ao longo do século XIX por algumas das maiores autoridades do saber médico francês. Este tipo de ensino comportava um papel duplo. Por um lado, leccionavam-se as mesmas matérias que eram leccionadas no ensino oficial, mas de maneira mais criativa, pedagógica e original. Por outro lado, integravam-se de imediato os avanços que iam ocorrendo no campo científico. Um dos mais importantes centros de prática desta modalidade do ensino livre era “L'École pratique de la Faculté” (Huard, 1974, p. 48). Nesse espaço educativo eram dadas aulas de anatomia e medicina operatória que atraíam estudantes de todo o mundo, ao ponto de Paris ser considerada na altura “la capitale internationale du cadavre” (Huard, 1974, p. 49).

No início do século XIX existiam três faculdades médicas em França, nas cidades de Paris, Montpellier e Estrasburgo, que agrupavam a medicina e a cirurgia e que estavam incumbidas de formar os quadros dos hospitais e do exército franceses, numa óptica de governação liderada por Napoleão Bonaparte (Jorland, 2010, p. 41). A Universidade de Montpellier era tão prestigiada quanto as de Paris e de Estrasburgo, e continuou a sê-lo durante as décadas seguintes, embora nunca tenha recuperado o estatuto de vanguarda europeia que ocupou durante o século XVIII (*Medical History*, 1984). Situação semelhante viveu a Universidade de Lovaina na mesma centúria, responsável principal pela certificação dos médicos belgas, até ser fechada em 1795 pelas autoridades francesas (Walckiers, 1982, p. 236). Com a queda de Napoleão em 1815, a universidade foi reaberta por um curto período de tempo, e depois reconvertida em universidade católica no ano de 1835, num acto de descontinuidade.¹² Apesar da ruptura com o passado, a nova universidade sediada em Lovaina manteve quadros sólidos na Faculdade de Medicina,

12 *Université catholique de Louvain* (1835-1968) [página da Wikipedia], disponível em [https://fr.wikipedia.org/wiki/Universit%C3%A9_catholique_de_Louvain_\(1835-1968\)](https://fr.wikipedia.org/wiki/Universit%C3%A9_catholique_de_Louvain_(1835-1968)) [consultado em Março de 2023].

um corpo professoral composto por vários médicos, diplomados em Paris ou em Lovaina.¹³ A faculdade ministrava um curso técnico completo e especializado que incorporava, inclusivamente, uma cadeira inovadora de oftalmologia (*Annuaire Louvain*, 1839).

Nessa época, as iniciativas governamentais na Bélgica promovem um investimento claro na educação e elevam a Escola Prática Médica de Bruxelas à categoria de faculdade (Bardez, 2016). Nesta nova instituição implementa-se, então, o ensino clínico, anátomo-patológico e fisiológico, e uma doutrinação teórica moderna e complexa, que incorpora diversas correntes do pensamento médico. A chamada Universidade Livre de Bruxelas sofre uma fase de profissionalização e de criação de tradições administrativas e pedagógicas entre 1834 e 1870. Nas suas primeiras décadas é já uma entidade que providencia cursos de medicina, cirurgia e obstetrícia, cujos programas são compostos por cadeiras de anatomia, fisiologia, patologia interna e externa, higiene pública e privada e medicina legal. No seu início, o corpo docente da universidade era composto por facultativos qualificados e experientes, certificados em Paris e em Leyden. Nos primeiros tempos, as infra-estruturas universitárias eram algo precárias, devido ao subfinanciamento da escola, um cenário que foi sendo melhorado de modo progressivo, graças a uma consolidação das finanças internas na década de 1840.

Em relação às universidades não francófonas, frequentadas pelos estudantes portugueses, é de realçar a qualidade do ensino de Edimburgo. Tal como Lovaina e Montpellier, Edimburgo era um centro de vanguarda do saber médico no século XVIII (Ackerknecht, 2016). Contudo, esta instituição não sofreu interrupções ou descontinuidades na transição de centúria. Alguns dos mais eminentes médicos da faculdade escocesa foram responsáveis por inovações importantes na medicina, como o professor de obstetrícia James Simpson, precursor no uso do éter e do clorofórmio na Europa (Ackerknecht, 2016, p. 151). O ensino das universidades francesas e belgas derivou muito do modelo educativo da Faculdade de Medicina de Paris, da simbiose entre o estudo teórico e a prática clínica nos hospitais. Havia uma preocupação em formar facultativos que fossem também cirurgiões consistentes e que estivessem aptos a seguir e a aperfeiçoar esta ou aquela especialidade médica. Este tipo de formação reflectiu-se nas aptidões dos diplomados portugueses no estrangeiro entre 1800 e 1870. As carreiras ilustres de médicos formados em universidades italianas e espanholas neste período, como Luís Baldy, Fonseca Benevides e Garcia Peres, evidenciam o facto de os centros de ensino mediterrânicos não

13 *Université catholique de Louvain* (2023) [página institucional], disponível em <https://uclouvain.be/fr/decouvrir/historique.html> [consultado em Março de 2023].

estarem muito aquém do estágio de vanguarda da formação francófona da época. Mas como se reflectiu, em concreto, no país, a influência de todos estes profissionais diplomados em universidades estrangeiras? Quais as áreas da medicina e da sociedade que mais foram afectadas pelas gerações destes médicos formados no período em estudo?

UMA DIVERSIDADE DE TRAJECTOS PROFISSIONAIS

Foi possível descortinar a carreira de 71 dos 110 facultativos identificados. A partir desta amostra específica, construiu-se uma tipologia para detalhar o percurso profissional destes médicos.

QUADRO 8

Trajectória profissional dos médicos portugueses formados no estrangeiro (1800-1870)

Carreira em Portugal	64
Carreira no estrangeiro	4
Desistiram da medicina ou não puderam exercer	3

Quatro médicos optaram por seguir uma carreira no estrangeiro. Vitorino da Costa, Morais Sarmiento e Ricardo Sasseti foram para o Brasil, enquanto Albino Galdes se estabeleceu em França e teve uma carreira distinta. Durante 40 anos trabalhou como cirurgião no Hôpital des enfants, foi médico agregado de Paris, cirurgião-chefe da Compagnie du chemin de fer du Nord, um dos fundadores da Sociedade de Biologia de França e vice-presidente da Sociedade de Cirurgia do mesmo país (Galdes, 1882). Publicou diversos artigos importantes sobre anatomia e patologia cirúrgica. Três diplomados acabaram por não aplicar os seus conhecimentos técnicos: Feliciano de Castilho tirou cursos de Medicina, Direito e Filosofia, tendo descartado a carreira médica. José Joaquim Barbosa licenciou-se em Medicina em Paris, mas distinguiu-se como lente de Filosofia na Universidade de Coimbra. Melo e Silva era um absolutista convicto, o que lhe provocou dificuldades em singrar na carreira médica depois da guerra civil. Analisando a carreira dos 64 médicos que viveram em Portugal, verifica-se que a esmagadora maioria tiveram uma trajectória multifacetada, trabalhando em pelo menos duas áreas da prática médica ou desempenhando mais do que um cargo na área de eleição. Os facultativos formados no estrangeiro aplicaram os seus conhecimentos técnicos nos seguintes campos específicos: 1) instituições sanitárias; 2) saúde pública;¹⁴ 3) docência;

14 Incluí neste campo profissional a supervisão da saúde colonial.

4) clínica civil; 5) partidos municipais; 6) saúde militar; 7) instituições de assistência; 8) Casa Real; 9) outras instituições; e 10) veterinária. Alguns médicos seguiram uma trajetória única, tendo trabalhado quase exclusivamente num determinado cargo. Tal aconteceu com Guilherme Centazzi, que foi médico do colégio militar; Ezequiel Dinis, efectivo do Hospital de São José durante 25 anos; ou Teotónio da Silveira, que dedicou um quartel de século do seu labor à Empresa Nacional de Navegação. Em contraste com este tipo de trajetória profissional estão os casos de médicos como Marcelino Craveiro da Silva ou Francisco Aires de Soveral. O primeiro destacou-se nas funções de delegado e vogal do Conselho de Saúde Pública, de médico e provedor da Misericórdia de Lisboa e de director do Hospital de Rilhafoles. O segundo foi facultativo de partido, médico e provedor da Misericórdia de Lisboa e cirurgião-mor do Batalhão de Setúbal. No quadro 9 apresenta-se a distribuição dos trajectos profissionais dos 64 médicos que se estabeleceram em Portugal.

QUADRO 9

O trajecto profissional dos médicos formados no estrangeiro com carreira em Portugal

Áreas da prática médica	Médicos que trabalharam na área
Instituições sanitárias	25
Saúde pública	20
Docência	20
Clínica civil	14
Partidos municipais	13
Saúde militar	12
Instituições assistenciais	11
Casa Real	7
Outras instituições	4
Veterinária	1

DOIS GRANDES FOCOS DE INFLUÊNCIA

Ao investigarmos estas trajectórias profissionais, verifica-se a existência de dois grandes focos de influência na medicina e na sociedade portuguesa: a saúde pública e a docência das escolas técnicas. Nos quadros do Conselho de Saúde Pública, que geriu as grandes questões sanitárias do continente e ilhas entre 1837 e 1868, trabalharam 18 facultativos.¹⁵ Deste conjunto de funcionários estatais, dois trabalharam como operacionais e como elementos da direcção, Mateus Moacho e Marcelino Craveiro da Silva. Cinco foram guarda-mores dos portos, quatro foram delegados de saúde e outros quatro foram subdelegados técnicos. Um destes subdelegados, Casimiro Simão da Cunha, acumulou a função com a de cirurgião-vacinador. Quando o Conselho de Saúde Pública foi convertido em Junta Consultiva por decreto-lei de 1868, a maior parte dos quadros passaram para a nova instituição.¹⁶ Vários médicos desempenharam funções como vogais directivos do Conselho de Saúde Pública, e dois chegaram a presidir ao mesmo, João Fernandes Tavares e Lima Leitão. Esta entidade foi muito inspirada pela cultura médica francófona, procurando desde o início seguir o modelo do Conselho de Salubridade de Paris.¹⁷ A biblioteca do Conselho continha uma vasta documentação de legislação e obras produzidas em França e na Bélgica.¹⁸ Um exemplo claro desta influência foi a redacção das leis relativas à fiscalização sanitária da indústria portuguesa entre 1855 e 1860, derivada das leis belgas sobre o mesmo assunto (Margiochi, 1860). Dezasseis médicos foram docentes das principais escolas técnicas de Portugal, as três Escolas de Medicina e Cirurgia de Lisboa, Porto e Funchal. No centro formativo do Porto, o impacto dos três médicos formados no estrangeiro foi imenso. No entender do historiador Hernâni Monteiro (1937), Assis Vaz, Gouveia Osório e José Carlos Lopes foram os docentes eminentes e destacados da instituição no século XIX. Monteiro ressalva o testemunho do médico Ricardo Jorge, que destacou o papel destas três individualidades na qualidade do ensino da instituição nortenha. No pólo educativo lisboeta, leccionaram oito médicos formados no estrangeiro. Um destes facultativos foi

15 Antes de o Conselho ter entrado em funções, existia a Comissão de Saúde Pública. João Fernandes foi presidente da mesma entre 1835 e 1837, e António da Luz Pita trabalhou neste organismo como Provedor da Saúde da Madeira.

16 ANTT, Ministério do Reino, Secretaria-Geral, 2.ª Repartição, Registo Geral, Correspondência expedida para várias entidades, Saúde pública (1837-1877), liv. 1627.

17 ANTT, Ministério do Reino, Negócios relativos à Saúde Pública (1835-1848). *Relatório Anual* de 29-01-1838.

18 ANTT, Ministério do Reino, 1.ª Direcção, 2.ª Repartição, Correspondência recebida (1844-1860). Ofício de 14-08-1857, mç. 2471.

Oliveira Soares, que faleceu cedo, aos 30 anos. Os outros foram Tomás de Carvalho (que chegou a director), Abel Jordão, May Figueira, Francisco Barral, Bernardino Gomes,¹⁹ Lima Leitão e José Pereira Mendes, docentes e investigadores de créditos firmados que deram um grande contributo à escola e à medicina portuguesa em geral. Dentro deste leque de facultativos eminentes é de referir o papel de May Figueira, responsável pela introdução da ciência microscópica no país (Mira, 1947). Os seus cursos livres – sem dúvida inspirados pela formação que recebeu no estrangeiro – motivaram bastante as gerações seguintes (Alves, 2014, pp. 215-216). A influência dos médicos formados na Europa foi muito relevante para o desenvolvimento da Escola de Medicina e Cirurgia do Funchal. Luís Henriques, diplomado em Edimburgo, tornou-se no primeiro reitor da instituição. Outros quatro facultativos formados em Paris e Montpellier deram o seu contributo como docentes da escola madeirense. Segundo Maria de Lourdes Santos (1988, p. 123), a actividade reformadora decorrente da implantação de um regime liberal, no rescaldo da guerra civil de 1832-1834, deparava com dois problemas fundamentais: 1) a carência de recursos financeiros; 2) e a escassez de recursos humanos, de pessoal docente “preparado para responder às novas exigências”. A vaga de sucessivas certificações de médicos no estrangeiro entre 1830 e 1857 contribuiu para atenuar esta escassez de quadros, com a formação dos referidos 16 facultativos que acabaram por leccionar nas escolas técnicas do Estado.

AS FUNÇÕES DE LIDERANÇA

Muitos destes 64 facultativos chegaram a posições de chefia nas instituições onde trabalhavam. Tiveram condições para modernizar certas áreas da prática médica, ou pelo menos municia-las de dinâmicas modernas, como aconteceu nos sectores da saúde pública e das Escolas de Medicina e Cirurgia. Ao todo, 20 médicos ocuparam cargos de liderança. Analisando este grupo, verifica-se que 18 desempenharam posições de chefia numa área da prática médica e dois acumularam funções de comando em duas ou mais áreas. Tomás de Carvalho foi a figura de destaque deste grupo, tendo sido enfermeiro-mor do Hospital de São José, reitor da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e provedor da Misericórdia da mesma cidade. Clemente Mendes foi director do Hospital Civil do Porto e do Hospital Militar de Lisboa. Em relação aos outros 18 médicos, cinco trabalharam no Hospital de São José, cinco foram supervisores em cargos de saúde pública e colonial, dois assumiram posições de chefia no âmbito da saúde militar, dois foram provedores da Misericórdia de Lisboa,

19 Filho de Bernardino António Gomes, notável especialista em medicina tropical.

um foi reitor da Escola Técnica do Funchal e três lideraram outras instituições hospitalares: o Hospital da Estefânia (Eleutério Gomes), o Hospital dos Alienados (Francisco Pulido) e o Hospício Dona Amélia (Mourão Pita). No principal hospital da capital, Francisco Barral, Simão Fernandes, Oliveira Soares e Procoro José Gouveia foram directores de botica, e João Quintino de Avelar geriu a enfermaria de São Roque.²⁰

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Dos 64 médicos com carreira em Portugal, aproximadamente duas dezenas foram responsáveis por uma produção científica relevante através de artigos, opúsculos e memórias. O campo da epidemiologia foi o mais estudado, o que pode ser de algum modo explicado pelo facto de estas gerações de facultativos formados no estrangeiro terem sentido o impacto das grandes epidemias de cólera e febre-amarela que assolaram a Europa a partir de 1830 (Alves, 2014). Houve também uma diversidade de trabalhos de investigação sobre saúde pública, botânica e medicina legal, entre outras pesquisas orientadas para as especialidades médicas. Há cinco nomes que se destacaram na produção científica e que devem ser assinalados. Na primeira metade de 1800, distinguem-se duas figuras com currículo considerável: Lima Leitão e Bernardino Gomes. Este último foi um investigador prolífico em várias áreas do conhecimento científico como a epidemiologia, a botânica, e a farmacologia, tendo deixado diversos artigos publicados nos principais periódicos técnicos de meados do século XIX. Juntamente com Lima Leitão, Bernardino Gomes produziu relatórios epidemiológicos importantes sobre os efeitos da *cholera-morbus* no início da década de 1830 em Portugal. Lima Leitão publicou várias obras sobre esta epidemia e sobre as formas possíveis de a conter, tendo colaborado bastante com a imprensa médica da época (Mira, 1947). Abel Jordão e Pedro Alvarenga foram dos mais reputados clínicos portugueses da segunda metade do século XIX. Abel Jordão desenvolveu inúmeros trabalhos académicos relacionados com os problemas da anemia, dos diabetes e das febres intermitentes. Pedro Alvarenga investigou o impacto da cólera e da febre-amarela em terras portuguesas, tendo sido premiado pela Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa pelo seu *Estudo de Algumas das mais Importantes Questões sobre a Cólera Epidémica* (1854). Fez pesquisa específica muito incisiva sobre aspectos particulares da cardiologia, escrevendo artigos avançados para a época.²¹ Na segunda

20 ANTT, Registo Geral das Mercês (1639-1949). Carta de nomeação de João Quintino de Avelar como director da enfermaria do Hospital de São José.

21 Pedro Alvarenga foi, provavelmente, o primeiro médico a reconhecer o duplo sopro crural do coração.

metade do século XIX é também de salientar o papel de Inácio da Costa Duarte na redacção de inúmeros artigos sobre cirurgia e anatomia, alguns dos quais publicados no estrangeiro.

O ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

Duas gerações de médicos madeirenses formaram-se nas universidades de Paris, Montpellier e Edimburgo, tendo desempenhado um papel activo no reforço das infra-estruturas sanitárias do arquipélago da Madeira, ocupando os cargos de maior relevo nas ilhas. Uma primeira geração, nascida entre 1790 e 1807, era composta por António da Luz Pitta, Cândido Joaquim, Juvenal Ornelas e Luís Henriques.²² António da Luz Pitta foi o principal agente de saúde pública do arquipélago, primeiro como provedor e depois como delegado. Juvenal Ornelas foi durante muitos anos guarda-mor do porto do Funchal e professor da Escola Médico-Cirúrgica do Funchal, assim como Luís Henriques, que foi o primeiro reitor da escola. Cândido Joaquim trabalhou sempre na Madeira como clínico e médico municipal. Luís Henriques também foi o cirurgião principal do Hospital de Santa Isabel. Uma segunda geração, nascida entre 1822 e 1837, era constituída por Alves da Silva, Drummond de Meneses, Pedro Júlio Vieira e César Mourão Pitta. Este último e Alves da Silva foram lentes da Escola Médico-Cirúrgica do Funchal. Drummond de Meneses foi um facultativo polivalente com carreira como médico de partido, da Junta de Inspeção Militar e de instituições assistenciais.²³ Pedro Júlio Vieira foi clínico, médico municipal e pertenceu aos quadros do Hospício Dona Amélia, instituição que César Mourão Pitta chegou a dirigir. Além de serem responsáveis pelos serviços hospitalares, assistenciais e sanitários da região, alguns destes médicos assumiram funções de responsabilidade civil e política. António da Luz Pitta foi deputado das Cortes entre 1852 e 1857, tendo chegado a presidente da Câmara do Funchal, magistério também exercido por Pedro Júlio Vieira. César Mourão Pitta foi procurador do distrito e fez mesmo uma incursão pela carreira diplomática como cônsul em França.

22 Desta geração também fez parte Nicolau Bettencourt Pitta, embora este facultativo tenha optado por seguir a sua carreira nos Açores.

23 ABM, *Relatório sobre os médicos madeirenses Antero Drummond de Meneses, Cândido Joaquim da Silva e Luís Henriques em resposta ao pedido de certidão/reprodução/informação legal e genealógica*#110614.

MÉDICOS E POLÍTICOS

Seis facultativos nascidos entre 1799 e 1819 chegaram a desempenhar a função de deputados nas cortes liberais, tendo pertencido a uma geração que viveu a ascensão do liberalismo em Portugal. Barbosa Leão foi o único deste grupo que apenas cumpriu uma legislatura. Garcia Peres e Luz Pitta intervieram bastante na vida parlamentar durante a década de 1850. José Vaz Monteiro esteve em duas legislaturas. José Maria Grande e Tomás de Carvalho foram inúmeras vezes eleitos, com protagonismo em vários momentos.²⁴ Todos estes tribunos tiveram uma participação activa, ora defendendo interesses regionais, ora redigindo projectos específicos, ora defendendo políticas concretas nos campos da instrução e da saúde pública. Garcia Peres rubricou o parecer do projecto-lei que regulamentou o Serviço de Saúde do Exército. José Vaz Monteiro preocupou-se com o problema do paludismo e da salubridade na cidade de Lisboa. António da Luz Pitta procurou aumentar os salários dos docentes da Escola Médico-Cirúrgica do Funchal. Outros médicos, como António Dias ou Nobre de Carvalho, também ocuparam cargos importantes nos governos civis.

FORMAS DE APROPRIAÇÃO E PERCURSOS GLOBALIZANTES

A pesquisa desenvolvida permitiu tecer algumas assunções concretas, considerando as reflexões conceptuais sobre a circulação e comunicação do conhecimento na periferia europeia, propostas por diversos autores do campo da História da Ciência (Gavroglu *et al.*, 2008). No contexto da medicina oitocentista, o saber médico produzido nos centros europeus pode ter sido assimilado pelas comunidades científicas portuguesas através de três formas de apropriação: 1) uma forma de apropriação interna do conhecimento, realizada pelos alunos dos pólos formativos universitários do país que nunca estiveram no estrangeiro; 2) uma forma de apropriação externa do conhecimento, realizada pelos alunos portugueses dos pólos formativos universitários estrangeiros que depois regressaram a Portugal; 3) uma forma de apropriação mista do conhecimento, realizada por alunos que estudaram no país e no estrangeiro. Considerando o artigo citado, também é possível visualizar um tipo de percurso profissional globalizante, que transcende a relação entre o centro e a periferia europeia. Exemplos deste tipo de percurso são as trajectórias de Vitorino da Costa, Morais Sarmiento, Ricardo Sasseti e Mateus Moacho. Os primeiros

24 José Maria Grande foi responsável pelo decreto que instituiu o ensino da agricultura em escolas especiais. Tomás de Carvalho foi um opositor convicto à lei do monopólio do tabaco.

três diplomaram-se em faculdades francófonas e emigraram para o Brasil. Moacho licenciou-se em Lovaina, mas foi para Goa fundar e dirigir a Escola Médico-Cirúrgica local, regressando anos mais tarde a Portugal onde continuou a carreira.

CONCLUSÕES

A investigação efectuada verificou a emergência de uma influência francófona nas gerações de médicos formados no estrangeiro entre 1800 e 1870. Constatou-se a existência de um período singular entre 1830 e 1857, com mais de 80 profissionais formados em França e na Bélgica, um fenómeno que, certamente, contribuiu para o estatuto de contemporaneidade da medicina portuguesa na segunda metade do século XIX. Inúmeros médicos desempenharam cargos de relevo nas áreas da saúde pública, na docência das Escolas Médico-Cirúrgicas, nos principais hospitais e instituições assistenciais do país, e puderam dinamizar estes campos da prática médica. Estudos futuros poderão esclarecer melhor o papel destes dinamizadores e qual a sua influência concreta na modernização da medicina portuguesa oitocentista.

A tendência migratória descortinada em meados do século XIX, que se explica por uma busca de formação qualificada no estrangeiro, não reflectiu apenas uma necessidade de evasão de um país em convulsão interna, mas também uma tendência global de procura estudantil do grande centro de ensino médico da época, que então era Paris (Ackercknecht, 2016; Snowden, 2020). Na década de 1840, por exemplo, formaram-se na Escola Clínica parisiense pelo menos duas dezenas de estudantes provenientes do continente americano, quase metade originários do Brasil (*Étudiants étrangers*, 2023). Nesse intervalo temporal, a instituição certificou alunos de todos os cantos da Europa, da Grécia à Irlanda, atribuindo diplomas a inúmeros emigrados espanhóis e polacos. A atracção dos estudantes de medicina portugueses pelo ensino francófono de vanguarda foi bastante visível no período singular que vai de 1830 a 1857, nas primeiras décadas de uma maior receptividade do país ao exterior e de um reforço das ligações culturais e científicas a uma Europa em plena actualização técnica e ideológica (Carneiro, Mota e Amaral, 2021, p. 25). Perante este cenário, é plausível considerar a hipótese da tendência migratória constatada na área da medicina se ter verificado, com maior ou menor incidência, noutros campos científicos.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

SIGLAS DOS ARQUIVOS CONSULTADOS

ABM – Arquivo e Biblioteca da Madeira.

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

BIBLIOGRAFIA E FONTES PRINCIPAIS DE PESQUISA

ABM, *Relatório sobre os médicos madeirenses Antero Drummond de Meneses, Cândido Joaquim da Silva e Luís Henriques em resposta ao pedido de certidão/reprodução/informação legal e genealógica#110614*, processado em 06-02-2023.

ANTT, Registo Geral das Mercês (1639-1949), Carta de nomeação de João Quintino de Avelar como director da enfermaria do Hospital de São José.

Annales de l'Université Catholique de Louvain (1836-1870), Lovaina, Chez Vanlitout et Compagnie, Imprimeurs-libraires de l'Université, disponível em <https://books.google.com/> [consultado durante o ano de 2023].

Dicionário Histórico, Chorographico, Heráldico, Biographico, Bibliográfico, Numismático e Artístico (1904-1915), 7 volumes, Lisboa, João Romano Torres.

Étudiants portugais (1840-1900) [base de dados coligida pelos Archives DBIS da Universidade Livre de Bruxelas, relativa aos estudantes portugueses que se formaram em medicina no século XIX].

Étudiants étrangers et femmes reçus docteurs en médecine à Paris (1807-1919) [Base de dados], disponível em <https://www.biusante.parisdescartes.fr/histoire/biographies/index.php?lotind=D201> [consultado durante o ano de 2023].

Giraldes, A.J.C.C. (1882), *Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales*, dir. de M.A. Dechambre, serie 4, tome 8, GEO-GLA, Paris, G. Masson e P. Asselin.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (1936-1957), 40 volumes, Lisboa e Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia.

Mónica, M. F. (dir.) (2004-2006), *Dicionário Biográfico Parlamentar (1834-1910)*, 3 volumes, Lisboa, Assembleia da República e Imprensa de Ciências Sociais.

The University of Edinburgh, Archives Online (2023) [Base de dados], disponível em <https://archives.collections.ed.ac.uk/agents> [consultado durante o mês de Janeiro de 2023].

FONTES E ARQUIVOS GERAIS

ANTT, Ministério do Reino, Negócios relativos à Saúde Pública (1835-1848). Relatório Anual de 29/01/1838.

ANTT, Ministério do Reino, Secretaria-Geral, 2.ª Repartição, Registo Geral, Correspondência expedida para várias entidades, Saúde pública (1837-1877). Liv. 1625.

ANTT, Ministério do Reino, Secretaria-Geral, 2.ª Repartição, Registo Geral, Correspondência expedida para várias entidades, Saúde pública (1837-1877). Liv. 1627.

ANTT, Ministério do Reino, 1.ª Direcção, 2.ª Repartição, Correspondência recebida (1844-1860). Ofício 14-08-1857, mç. 2471.

LEGISLAÇÃO SANITÁRIA

Decreto-Lei de 29-12-1836, disponível em <https://legislacaoegia.parlamento.pt/> [consultado em Fevereiro de 2023].

- Decreto-Lei de 23-04-1840, disponível em <https://legislacaoegia.parlamento.pt/> [consultado em Fevereiro de 2023].
- Lei de 26-10-1863, disponível em <https://legislacaoegia.parlamento.pt/> [consultado em Fevereiro de 2023].
- Lei de 10-04-1876, disponível em <https://legislacaoegia.parlamento.pt/> [consultado em Fevereiro de 2023].
- Portaria de 24-10-1840, disponível em <https://legislacaoegia.parlamento.pt/> [consultado em Fevereiro de 2023].



- ACKERKNECHT, E. H. (2016), *A Short History of Medicine*, Baltimore, John Hopkins University Press
- ALVES, M. V. (2014), *História da Medicina em Portugal. Origens, Ligações e Contextos*, Porto, Porto Editora.
- AMARAL, I. (2021), “Na rota da especialização médica no século XIX”. In A. Simões, M. P. Diogo (org.), *Ciência, Tecnologia e Medicina na Construção de Portugal*, vol. 3, Lisboa, Tinta-da-china, pp. 385-402.
- BARDEZ, R. (2016), “La Faculté de médecine de l’Université libre de Bruxelles: entre création, circulation et enseignement de savoirs (1795-1914)”. *Revue belge d’histoire contemporaine*, XLVI, 3-4. Disponível em <https://www.journalbelgianhistory.be/fr/journal/belgisch-tijdschrift-voor-nieuwste-geschiedenis-xlvi-2016-34/facult-m-decine-l-universit> [consultado em Março de 2023].
- BLOCH, H. (1982), “Social structure and medicine, medical education and medical students in France and the United States”. *Histoire des Sciences médicales*, 17 (spécial 2), pp. 106-109.
- CARNEIRO, A., MOTA, T. S., AMARAL, I. (2021), “Introdução ao volume”. In A. Simões, M. P. Diogo (org.), *Ciência, Tecnologia e Medicina na Construção de Portugal*, vol. 3, Lisboa, Tinta-da-china, pp. 17-27.
- CARVALHO, A. da S. (1926), *A Régia Escola de Cirurgia de Lisboa*, Lisboa, Sociedade de Ciências Médicas.
- CRESPO, J. (1990), *A História do Corpo*, Lisboa, Difel.
- FERREIRA, F. A. G. (2015), *História da Saúde e dos Serviços de Saúde em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- FIOLHAIS, C. (2014), *História da Ciência em Portugal*, 2.^a edição, Lisboa, Arranha-Céus.
- FOUCAULT, M. (1963), *O Nascimento da Clínica*, Rio de Janeiro, Editora Forense-Universitária.
- FOUCAULT, M. (1999), *Estratégias de poder (Obras essenciais – volumen II)*, Barcelona, Paidós.
- GAMA, P. E. M. S. da (2019), *Médicos em Lisboa: Alunos da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, 1837-1889*. Tese de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea, Lisboa, ISCTE-IUL.
- GARNEL, M. R. L. (2003), “O poder intelectual dos médicos: finais do século XIX-inícios do século XX”. *Revista de História das Ideias*, 24, pp. 213-253.
- GARNEL, M. R. L. (2013), “Da Escola Régia de Cirurgia à Faculdade de Medicina de Lisboa”. In *A Universidade de Lisboa, Séculos XIX-XX*, vol. II, Lisboa, Tinta-da-china, pp. 539-650.
- GAVROGLU, K., PATINIOTIS, M., PAPANELOP, F., SIMÕES, A., CARNEIRO, A., DIOGO, M. P., SÁNCHEZ, J. R. B., BELMAR, A. G., NIETO-GALAN, A. (2008), “Science and technology in the European periphery: some historiographical reflections”. *History of Science*, 46 (2), pp. 153-175.

- HUARD, P. (1974), “L’enseignement libre de la médecine à Paris au XIX^e siècle”. *Revue d’histoire des sciences*, 27 (1), pp. 45-62. Disponível em https://www.persee.fr/doc/rhs_0151-4105_1974_num_27_1_1046 [consultado durante o mês de Fevereiro de 2023].
- JORLAND, G. (2010), *Une société à soigner – Hygiène et salubrité publiques en France au XIX^e siècle*, Paris, Éditions Gallimard.
- LEMONS, M. de (1991), *História da Medicina em Portugal: Doutrinas e Instituições*, 2.º volume, Lisboa, Dom Quixote e Ordem dos Médicos.
- MANHEIM, K. (1972), “The problem of generations”. In P. Kecskemeti (ed.), *Karl Mannheim Essays*, Londres, Routledge e Kegan Paul, pp. 276-322.
- MARGIOCHI, F. S. (1861), *Relatório e Projecto-lei n.º 121 apresentado à Câmara dos Dignos Pares em Janeiro de 1861 pelo seu membro Francisco Simões Margiochi para regular a polícia dos estabelecimentos insalubres*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- MARQUES, A. (2020), *O Instituto Bacteriológico Câmara Pestana: Ciência Médica e Cuidados de Saúde (1892-1930)*. Tese de Doutoramento, Évora, Universidade de Évora, Instituto de Investigação e Formação Avançada.
- MATTOSO, J. (dir.) (1993), *História de Portugal – Volume v*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- MEDICAL HISTORY (1984), “II – Animism, Vitalism, and the Medical University of Montpellier”, 28 (S4), pp. 15-46. DOI:10.1017/S0025727300070393.
- MIRA, M. de F. (1947), *História da Medicina Portuguesa*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.
- MONTEIRO, H. (1937), *Relances sobre o Ensino Médico no Porto*, Porto [s. ed.].
- MONTEIRO, H. (1951), *Evolução do Ensino da História da Medicina na Escola do Porto*, Porto, Tipografia Costa Carregal.
- NOBREZA DE PORTUGAL E DO BRASIL (1989), volume 3, Lisboa e Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia.
- PEREIRA, L. V. (2018), *Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, 1836-1911*, Lisboa, edição de autor.
- PINA, L. de (1968), “Medicina e médicos”. In J. Serrão (org.) *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp. 3-8.
- PITA, J.R. (2021), “Ciência e experiência na formação de médicos, cirurgiões e boticários no século XIX”. In A. Simões, M. P. Diogo (org.), *Ciência, Tecnologia e Medicina na Construção de Portugal*, vol. 3, Lisboa, Tinta-da-china, pp. 363-384.
- PORTER, R. (1995), “Medical science”. In R. Porter (org.), *The Cambridge Illustrated History of Medicine*, Cambridge, MA, Cambridge University Press, pp. 154-201.
- ROSEN, G. (1994), *Uma História da Saúde Pública*, São Paulo, UNESP.
- SANTOS, M. de L. C. L. dos (1988), *Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de 1800*, Lisboa, Presença.
- SERRÃO, J., MARQUES, A. H. de O. (dir.) (2002), *Nova História de Portugal: Portugal e a Instauração do Liberalismo*, Lisboa, Editorial Presença.
- SNOWDEN, F.M. (2020), *Epidemias e Sociedade – Da Peste Negra ao Presente*, Coimbra, Edições 70.
- SPITZER, A.B. (1973), “The historical problem of generations”. *American Historical Review*, 78 (5), pp. 1353-1385.
- UNIVERSITÉ CATHOLIQUE DE LOUVAIN (2023) [Página institucional], disponível em <https://uclouvain.be/fr/decouvrir/historique.html> [consultado em Março de 2023].
- UNIVERSITÉ CATHOLIQUE DE LOUVAIN (1835-1968) [Página do Wikipedia], disponível em [https://fr.wikipedia.org/wiki/Universit%C3%A9_catholique_de_Louvain_\(1835-1968\)](https://fr.wikipedia.org/wiki/Universit%C3%A9_catholique_de_Louvain_(1835-1968)) [consultado em Março de 2023].

VIEIRA, I. C. (2012), *Conhecer, Tratar e Combater a “Peste Branca”. A Tisiologia e a Luta contra a Tuberculose em Portugal (1853-1975)*, Porto, Universidade do Porto.

WALCKIERS, M. (1982), “Les thèses médicales de Louvain au XVIII siècle”. *Histoire des sciences médicales*, 17 (spécial 1), pp. 236-242.

Recebido em 01-06-2023. Aceite para publicação em 01-10-2024.

SIMÕES, J.M. (2026), “A formação dos médicos portugueses no estrangeiro (1800-1870): a emergência de uma influência francófona”. *Análise Social*, 258, LXI (1.º), e45435. <https://doi.org/10.31447/45435>.

Joaquim Melon Simões » a57131@campus.fcsh.unl.pt » Instituto de História Contemporânea – IHC/NOVA FCSH/IN2PAST » Avenida de Berna, 26 C — 1069-061 Lisboa, Portugal » <https://orcid.org/0000-0002-2396-7527>.
